

Capítulo 8 – Um dia de fúria. A morte como esperança.

A discussão já se alongava por vários minutos gerando o temor de que algo maligno fosse atraído pelas vozes. Até o momento haviam decidido que as poções de cura iriam para Tsuguo e Assiral, visto que eles não carregavam nenhuma, porém, se necessário poderiam ser usadas por outros. As pedras alaranjadas foram entregues a Assiral, Baliak, Arthins, Lariata e Tsuguo que geralmente caminhavam na frente ou retaguarda do grupo. No entanto, a posse do machado de guerra era a causa da acalorada discussão liderada por Arthins e Lariata que tinham mais interesse no mesmo. O restante do grupo achava a arma grande demais ou não sabia usá-la em combate, a princípio queriam vendê-la, mas abriram mão para que um dos guerreiros ficasse com ela.

__Não acredito que estão pensando em dar essa arma para uma mulher! – respondeu Arthins, provocando.

__Posso ser uma mulher, mas acabo com sua raça, seu maldito machista! – respondeu Lariata com o ânimo acirrado.

__Claro! Foi isso que vimos quando o cavaleiro da morte apareceu! – retrucou Arthins, sem ceder.

__E pensar que fiquei preocupada contigo quando desapareceu com Baliak! Você é um idiota egoísta, isso sim! – respondeu Lariata.

__Basta! – gritou Nitia. – Vocês querem atrair o labirinto inteiro contra nós? Encontrem uma maneira de decidirem isso amigavelmente!

__Alguma sugestão? – disse Lariata.

__Que tal decidir na sorte? – respondeu Maliha.

__Eu estava torcendo para que eles decidissem em combate, mas acho sua sugestão mais sensata. – debochou Assiral.

__Sorte? Mas eu sou perito em machados! – respondeu Arthins.

__Lariata também o é, afinal ela cresceu entre anões. Os demais já abriram mão da arma, vocês precisam ceder um pouco! – respondeu Maliha.

__Alguém mais é a favor de fazermos um sorteio? – completou Joukthups, aproveitando a solução que surgia. Todos, com exceção de Lariata e Arthins, aprovaram a idéia e Baliak tirou uma moeda de seu bolso, dizendo:

__Certo então. Se for cara, o machado é de Arthins, se for coroa é de Lariata.

__Tanto faz, que seja! – resmungou Arthins. Baliak lançou a moeda para cima e anunciou. – Cara! – O humor de Arthins virou subitamente e abriu um largo sorriso nos lábios, enquanto guardava seu velho martelo e empunhava o novo machado. Lariata afastou-se um pouco, irritada com a situação, mas manteve-se em silêncio, pois não queria parecer uma má perdedora.

__Finalmente, justiça! – disse o homenzarrão golpeando a nova arma no vento. Voltando-se para o arcano ele continuou: – Joukthups, qual é mesmo a magia que ela possui?

__O mais incrível é que eles sequer sabem o encantamento que ela possui! – disse Nitia.

__E precisa? Olha o equilíbrio e lâmina dessa maravilha! – respondeu Arthins.

__Eu não pude identificar completamente. – disse Joukthups. – Mas tenho certeza que a arma não é amaldiçoada. Meu palpite é que a lâmina se incendeia quando em combate.

__Excelente! – respondeu Arthins. – Vamos então? Eu sigo na frente! – O grupo finalmente deixou o casebre e avançou pelos corredores abandonados de Laipem, explorando caminhos ainda desconhecidos. Caminharam por horas, passando por várias encruzilhadas que levavam a passagens sem saída ou construções abandonadas. Quando pararam para descansar diante de outra encruzilhada, enquanto todos comiam e conversavam distraidamente Baliak se aproximou de Arthins.

__Estamos quites agora. – disse o meio-elfo em tom baixo.

__Como? – perguntou o homenzarrão. O meio-elfo entregou uma moeda a Arthins e disse:

__A justiça que você proclamou foi feita com uma pequena ajuda. – Arthins analisou a moeda e percebeu que ela possuía cara em seus dois lados, abriu um discreto sorriso e a devolveu a Baliak dizendo:

__Por que fez isso?

__Como eu dizia, estamos quites. Você me defendeu nos últimos dias, senti que lhe devia algo.

__Bom saber que está do meu lado! Junto alcançaremos grandes façanhas! – respondeu o homenzarrão.

__Contenha-se, apenas quitei minha dívida. Agora sigo um caminho mais sensato.

__Certamente! Sensato o suficiente para mentir para seus grandes amigos. – respondeu Arthins em tom de deboche. – Agradeço sua ajuda e não se preocupe, seu segredo está seguro comigo. Além disso, ambos sabemos que este machado é mais mortal em minhas mãos.

Baliak afastou-se de Arthins, evitando que o assunto se prolongasse. Enquanto comiam e conversavam o homenzarrão encavara Baliak, analisando-o com o olhar. O meio-elfo ignorou-o, permanecendo recluso em seus pensamentos enquanto os demais decidiam para que caminho seguiriam.

Apesar de cansados, o grupo finalmente decidiu o caminho a seguir e caminharam na mesma formação por mais algumas horas antes entre várias construções em ruínas. De repente Lariata rompeu um inquietante silêncio.

__Tem algo diferente aqui. – disse Lariata.

__O quê? – perguntou Nitia, assustada.

__Essas construções são da parte nobre da cidade. – respondeu Lariata.

__Excelente! Mais tesouro! – disse Arthins.

__Como sabe? – perguntou Maliha a Lariata, ignorando Arthins.

__Pela qualidade do mármore. Mesmo em pedaços é possível ver que foram muito bem polidos. – respondeu Lariata. Pelo que podiam ver, essas construções foram palco de grandes batalhas e aparentemente os anões usaram até mesmo balistas e catapultas no combate, porque ainda havia destroços de pedras, marcas de incêndio no chão e paredes que permaneciam de pé. À medida que avançaram, notaram que as construções estavam mais conservadas e após uma curva a direita encontraram o que restou do maquinário de guerra. Uma pequena catapulta e várias balistas encontravam-se destruídas e ao lado delas havia algumas manchas escuras no chão, indicando que uma grande quantidade de sangue fora derramada nesse local. Logo atrás do maquinário restava um pequeno casebre ainda conservado com inscrições na língua dos anões sobre a entrada, cuja porta havia sido arrancada. O cenário mostrava que os anões fizeram um grande esforço para proteger essa construção.

__Ao menos Baraz não viveu para ver esse local. – disse Nitia.

__Eu sei o que está escrito ali. – disse Lariata.

__Pensei que fosse iletrada. – respondeu Arthins.

__E sou, mas eu reconheço estes símbolos. Eu vi similares na cidade em que eu morava e agora entendo o porquê tantos pereceram defendendo este lugar.

__Por quê? – perguntou Tsuguio, não contendo a curiosidade.

__Certas cidades dos anões são agraciadas com uma máquina mágica. – respondeu Lariata.

__Mágica? Mas os anões não são contrários às magias? – perguntou Maliha.

__Sim, mas nesse caso é diferente. Essa máquina confere um poder mágico e vitalício aos anões, porém apenas àqueles que têm o destino de executar grandes feitos podem usá-la. Eles vêm a magia com desconfiança e mesmo as benéficas são usadas com ponderação. – explicou Lariata.

__Ótimo! – exclamou Arthins. – Vamos usá-la!

__Não sei se devemos. Pelo que contam, aqueles que não são anões podem ser amaldiçoados pela máquina, só que isso não acontece com todos, mas só com alguns. – respondeu Lariata.

__Ela funciona somente com aqueles que ajudam os anões? – perguntou Nitia.

__Talvez, não sei ao certo. Nem mesmo os anões sabem, pois como Maliha observou, eles não gostam de magias e por isso estudam pouco a respeito. – explicou Lariata.

__Acho que não custa nada darmos ao menos uma olhada. Precisamos ver se a máquina ainda está lá. – respondeu Baliak, que se encontrava em silêncio a longo tempo.

__Ah, com certeza está. Elas geralmente ficam presas à cidade e não são facilmente retiradas. – respondeu Lariata.

__Eu preciso ver essa máquina! – exclamou Tsuguio avançando em direção a porta. Os demais o seguiram rapidamente e todos se espantaram ao ver o que havia no interior do casebre. O local havia sido saqueado e restava uma engenhoca presa a parede. Tsuguio foi o primeiro a falar, mas sua voz exprimia o pensamento da maioria.

__Mas é isso? Tem certeza de que é mágico?

A estranha engenhoca, não era muito grande e tinha pouco mais de um metro e meio de altura e um metro de largura. Em seu topo havia três frascos de cores sólidas distintas: vermelho, amarelo e azul. Centralizado com relação às laterais e pouco abaixo dos frascos havia um encosto de madeira com cerca de trinta centímetros que era acolchoado e se prolongava para o interior da máquina. Aparentemente era possível colocar a mão dentro da máquina ao passá-la pelo encosto.

__Sim, só isso. – respondeu Joukthups sem conter a admiração. – Porque às vezes não é preciso mais do que isso.

__Vocês falam dos objetos mágicos como se fossem fantásticos e grandiosos! Essa coisa mais parece uma engenhoca criada por um gnomo. – respondeu Tsugio.

__Gnomos também são excelentes arcanos. – respondeu Joukthups.

__Acreditem, o que vêem é o suficiente. Lembrem-se que foi criado para ser usado por anões, por isso também é pequena. – respondeu Lariata.

__Vejam, tem um pergaminho preso à máquina! – exclamou Baliak. Após se aproximar, ele continuou. – Droga, está escrito na língua dos anões.

__Como a máquina funciona, Lariata? – perguntou Joukthups, fascinado.

__Pelo que eu me lembro, basta colocar o antebraço no encosto e a mão dentro da máquina e assim uma tatuagem é feita. – respondeu Lariata.

__Faz sentido, vejo agulhas aqui dentro. – disse Baliak analisando o aparelho.

__Talvez devêssemos ler o que está escrito no pergaminho. – disse Nitia.

__Como? Ninguém aqui sabe ler essa língua. – respondeu Arthins.

__Isso pode ser solucionado. – respondeu Joukthups, que conjurou palavras mágicas, aproximou-se do pergaminho e o leu em voz alta:

“Marcas na pele podem dizer seu passado,
marcas na pele podem prever seu futuro,
marcas na pele podem trazer benefícios,
marcas na pele podem trazer malefícios.

Pele fria, morte que chega,

Pele quente, não há vida que agüente,

Pele lisa, vida nascente,
Pele pintada, mudada para sempre.”

O grupo manteve-se em silêncio, alguns tentando entender o significado do que fora lido e outros espantados com mais uma demonstração de poder de Joukthups que tomou novamente a palavra:

__Excelente, Lariata! Não entendi completamente o significado, mas ao menos a sua história ajuda a dar uma leitura ao pergaminho.

__Obrigada. – respondeu Lariata. – Querem um conselho? Vamos seguir nosso caminho e deixar isso como está. Se as criaturas que tomaram essa cidade não tiraram vantagem dessa máquina, não conseguiremos também.

__Não concordo. – disse Tsuguio. – Viemos para salvar a cidade, não acredito que a máquina irá nos fazer mal.

__Isso se a máquina puder decidir. Você está assumindo um risco muito grande. – respondeu Lariata.

__A máquina não ajuda os anões? Sendo assim, irá nos ajudar! Vou colocar minha mão ali. – respondeu Tsuguio.

__Não faça isso! – respondeu Maliha.

__Não sejam exagerados! O que estou dizendo faz sentido! Por sinal, tenho minhas dúvidas de que isso seja realmente mágico! – respondeu o homem-do-norte.

__Ele tem razão! – respondeu Arthins. – Viemos para ajudar os anões, por que seríamos amaldiçoados?

__Se suas intenções são tão puras assim, Arthins, por que você não coloca suas mãos lá? – provocou Lariata.

__Pensa que não tenho culhões para tal? – respondeu o homenzarrão encarando Lariata firmemente.

__Escutem-me! Isso é loucura! Vamos apenas embora! – respondeu Nitia.

__Como sempre você está com medo, não é Nitia? – respondeu Arthins nitidamente nervoso.

__Qual é o seu problema, Arthins? – perguntou Assiral em um tom ainda controlado.

__Meu problema é ter que aturar um grupo de medrosos que não se arrisca para nada! Olhem para si mesmos! Apenas encarem-se no espelho! Se não percebem nada de peculiar posso começar por nosso amigo homem-do-norte! Não sei como vocês aqui no sul de Katzir se informam, mas de onde vim todos sabem que os homens-do-norte não merecem confiança! Eles são aliados dos orcs e ogros! Orcs e ogros! Tsugio não merece estar conosco! Sua raça não merece viver nesse mundo!

__Não fale assim de Tsugio! Você não sabe o que aconteceu com ele e porque ele se afastou de seu povo! – respondeu Maliha.

__Não sei mesmo! – respondeu rapidamente o homenzarrão. – O passado dele é um mistério, mas não menor do que o seu! Você se esconde debaixo de uma máscara de mimo e fala como uma criança, mas oculta suas reais intenções, mantendo em segredo o que aprendeu junto aos servos negros de Mowendrus! Sim! Não se esqueçam que Mowendrus é um deus adorado pelos necromânticos, exatamente o tipo de mago que criou todos estes zumbis que estamos combatendo.

__Arthins, acalme-se! – interferiu Baliak.

__Me acalmar? Isso tudo seria motivo de piada e revolta no Reino Central! Se não bastasse a necromântica e o homem-do-norte ainda me vejo arriscando o pescoço para salvar a pele de um elfo fanfarrão – disse apontando para Assiral. – e uma elfa medrosa. – continuou referindo-se a Nitia. – E quando finalmente vou receber um prêmio de consolação tenho que disputar o espólio com uma mulher! Como se tudo isso já não fosse o suficiente ainda tenho que aceitar as decisões de um elfo que age como líder deste grupo de patetas!

__Se o senhor é tão perfeito, Arthins. Por que não coloca sua mão na máquina e põe seu caráter a teste? – respondeu Lariata.

__Quer saber? Acho que vou fazer isso mesmo! – respondeu o homenzarrão aproximando-se da máquina. Todos estavam furiosos demais para impedi-lo e com isso ele, tirou sua luva, firmou seu braço no encosto e enfiou a mão esquerda. De repente uma fita de couro prendeu firmemente seu punho e antebraço, impedindo que ele se mexesse. Ele começou a sentir pontadas de agulha em sua mão, o processo que parecia incômodo nos primeiros segundos se tornou extremamente doloroso e Arthins tentou em vão retirar a mão.

__Mantenha-se parado! – disse Lariata. – A máquina testa o guerreiro pela sua resistência a dor! Aqueles que hesitam não estão prontos para grandes feitos e por isso não são beneficiados.

Mesmo com o aviso de Lariata, Arthins permaneceu tentando retirar a mão, mas sem sucesso, finalmente desistiu quando perdeu as forças e percebeu que ao mover-se acabava recebendo ainda mais pontadas de agulha. O homenzarrão rangia os dentes e uma discreta lágrima escorreu de seu olho. O processo durou cerca de dois minutos, quando finalmente a máquina o soltou, o dorso de sua mão estava ensangüentado e ele precisou limpá-lo com um pano para ver o que havia sido tatuado. A tatuagem era do tamanho de um quadrado de cinco centímetros e a imagem representava uma flecha encravada em uma mão. Arthins ainda sentia sua mão fraca, como que menos ágil do que o normal, mas de uma maneira estranha. Lariata tomou a frente:

__Oh! Você foi amaldiçoado! – disse substituindo a raiva por um sentimento de pena e arrependimento.

__Como? – respondeu o homenzarrão.

__ Sinto muito, Arthins. A flecha encravada é a marca da maldição. – disse Lariata.

__Claro que sente! – respondeu o homenzarrão.

__Deixe-me verificar. – disse Joukthups.

__Não preciso da ajuda de vocês! – respondeu Arthins enquanto colocava a luva com dificuldades. Ele continuou. – Satisfeitos agora? Lidere o caminho, Jouk! – O arcano balançou a cabeça e voltou por onde vieram. Os demais o seguiram, ignorando o homenzarrão. Todos permaneceram em silêncio por horas, estressados e confusos pelo que havia acontecido.

À medida que caminhavam pela trilha de destruição, começaram a ouvir gritos ecoados que rompiam o silêncio da cidade fantasma. No princípio eram tão distantes que pareciam um baixo sussurro, mas a medida que caminhavam eles se tornaram cada vez mais nítidos e próximos.

__Parece que não precisamos ser tão silenciosos aqui. – disse Assiral.

__Será que devemos ir por este caminho? Acho que isso é um aviso! – respondeu Nitia.

__Nenhum morto-vivo grita assim. – respondeu Maliha. – Quem quer que seja está vivo.

__Talvez um outro grupo de aventureiros foi aprisionado? – ponderou Baliak.

__Acho que devemos prosseguir. – disse Lariata. – Quem quer que seja parece estar precisando de ajuda.

O grupo continuou marchando sem preocupar-se em ser furtivo, pois os gritos sobrepunham-se até mesmo aos passos pesados de Lariata e Arthins. Passaram por várias construções destruídas até avistarem uma que parecia ser a fonte dos gritos. Suas paredes ainda estavam de pé e sua janela estava aberta, mas o teto já havia desabado. Agora que estavam mais próximos podiam perceber que os gritos eram proferidos por uma única voz que chorava desesperadamente e suplicava em uma língua que não podiam compreender. Assiral tomou a palavra:

__Precisamos interferir! Não podemos apenas ignorar isso.

__É a língua dos anões! – disse Lariata.

__ Vou investigar. – respondeu Tsuguio.

__Vou com você, mas desta vez farei o que você decidir. – respondeu Baliak.

Tsuguio o analisou e continuou:

__Combinado, mas lembre-se vamos apenas avaliar a situação.

Novamente a dupla pôs-se a avançar na frente dos demais, que ficaram a pouco mais de dez metros da entrada da construção. Baliak e Tsuguio avançaram com as armas em punho e não tiveram dificuldades de se aproximar sem serem percebidos. Caminharam agachados até a entrada da construção cuja porta também parecia ter sido arrancada há muitos anos. Baliak encostou-se na parede e tirou um espelho de sua mochila, em seguida usou-o para espiar o interior e acompanhou uma cena grotesca. Dois zumbis e uma imensa criatura bípede torturavam um anão maltrapilho, que continuava suplicando e gritando desesperadamente. Os zumbis eram parecidos com os outros que enfrentaram dias atrás, tinham machados presos a suas cinturas e pequenos punhais que usavam para torturar o anão. A criatura bípede possuía quase três metros de altura e usava apenas uma calça maltrapilha, o que expunha sua aparência disforme e medonha e uma pele pútrida composta pelos restos mortais de diversos cadáveres. Vários pequenos braços de anões se uniam para formar cada um dos braços e o mesmo princípio foi usado para a formação de todo seu

corpo, com a exceção de sua cabeça que era de um anão cuja barba estava coberta de sangue e dejetos. A criatura mantinha-se próximo a porta em posição ereta, como um soldado bem treinado, olhando em linha reta em direção a entrada, com um enorme machado de guerra nas mãos que cruzava diagonalmente seu torso.

Baliak era um ladino treinado e por isso havia colocado seu espelho rente ao solo de forma que não chamou a atenção da enorme criatura. Ele ainda teve tempo de reparar o anão maltrapilho que sofria na mão de seus carrascos. O coitado também vestia um amontoado de trapos e não estava amarrado, mas movia-se com dificuldade devido aos ferimentos. Ele não pôde precisar a cor dos cabelos e barba do anão, pois estavam cobertas por um sangue seco e escuro, que indicava que esta não foi a primeira tortura que ele havia sofrido. Calmamente analisou todo o cenário e por fim sussurrou a Tsugio:

__Vi dois zumbis e uma criatura enorme, deformada.

__E quem está gritando?

__Um anão.

__Tem certeza?

__Isso mesmo e pelo que parece ele está aqui há muito tempo.

__Como são esses zumbis?

__Iguais aos mais fracos que derrotamos.

__E a criatura deformada?

__Nunca vi algo como aquilo.

__Certo, siga-me! Precisamos decidir rápido! – dizendo isso, Tsugio recuou para posição em que estava o restante do grupo. Baliak o seguiu e quando lá chegaram narraram a cena que presenciaram. Quando Baliak descreveu a criatura deformada, Joukthups disse:

__Maliha, o que acha?

__Eu não me preocuparia com os zumbis, mas logicamente essa criatura deformada parece perigosa. Pelo que me disse pode ser tanto um morto vivo quanto um golem. – respondeu a jovem.

__Golem? – perguntou Arthins.

__Isso, provavelmente um golem de carne formado a partir dos cadáveres dos anões. – respondeu Maliha.

__Mas não é o mesmo que um morto-vivo? – replicou Arthins.

__Não, um golem não possui vontade própria ou medo e é criado para um objetivo específico. É quase como uma máquina, mas neste caso foi criado a partir de cadáveres. Já um morto-vivo é criado a partir de uma maldição.

__Certo! Certo! – interrompeu Nitia. – O pobre anão precisa de nossa ajuda. Como o ajudaremos?

__Há uma janela pela lateral que posso usar para invadir a construção. – disse Tsugiuo. – Eu entro por lá e avanço para proteger o anão. Enquanto isso os demais enfrentam o golem ou o que quer que aquilo seja.

__Você não pode se arriscar assim! Vai ficar exposto! – respondeu Maliha.

__Ele não estará sozinho. – replicou Joukthups. – Vou acompanhá-lo.

__Bem, assim seja. Torçam para que a criatura não seja um golem, pois geralmente os golens somente são afetados por armas mágicas.

__Bem lembrado, Maliha. – disse Joukthups. – Nitia, concentre seus projéteis de pedra no golem. Acredito que precisaremos de seu machado, Arthins.

__Não se preocupe, o golem está com os dias contados. – respondeu o homenzarrão contente, pois interpretou as palavras como uma humilhação do grupo frente as suas capacidades.

Evidentemente o plano não era perfeito, mas não tinham tempo para planejar algo mais elaborado. Antes de saírem Joukthups fez um encantamento sobre Tsugiuo que ficou ainda mais ágil e veloz. Quando ele notou que seus amigos estavam posicionados, o homem-do-norte invadiu a casa pela janela, atacando um dos zumbis. Simultaneamente os demais entraram pela porta da frente com Arthins a frente de todos. O fator surpresa trouxe uma enorme vantagem inicial, pois Tsugiuo arrancou a cabeça de um dos zumbis com sua katana e Arthins também desferiu um poderoso golpe com seu machado, que fez a enorme criatura gemer. No entanto, passado esse primeiro momento o grupo percebeu que o intento não seria tão fácil, pois Maliha logo gritou:

__É um golem! É um golem!

Nitia não hesitou e lançou um projétil de pedra assim que entrou causando novos ferimentos no golem. Maliha ignorou a criatura e foi auxiliar Tsugiuo, apesar dele estar subrepujando seu inimigo. Joukthups ignorou o zumbi e da janela lançou uma bola de fogo no golem causando novo dano. Os demais atingiam o golem com facilidade, mas percebiam

que suas armas não causavam dano algum, pois eram ignoradas pela criatura. Espadas e flechas perfuravam o golem inultamente e a sensação que possuíam era que golpeavam uma carcaça morta. Apenas o machado de Arthins e as magias de Joukthups e Nitia pareciam surtir efeito, por isso a criatura avançou sobre Arthins, que estava mais próximo. No entanto, o golem não o golpeou com o machado e sim deu um encontrão no corpo de Arthins o qual desabou no chão.

Os demais não assistiam impassíveis e golpeavam desesperadamente a criatura que avançava contra o homenzarrão. Nesse momento até mesmo Tsuguio e Maliha também o faziam visto que já haviam derrotado o outro zumbi. O homem do norte atacou na perna do golem na esperança de fazê-lo tombar, mas sua katana também não surtia efeito. Ignorando uma quantidade inumana de golpes que mais pareciam leves empurrões, o golem avançou sobre Arthins, que agora se encontrava desarmado no chão, pois o machado havia escapado de sua mão tatuada. O golem agarrou Arthins pelo pescoço e suspendeu o homenzarrão que apenas se debatia impotentemente. Valiosos segundos se passavam enquanto Arthins sentia seu fôlego acabando e sua força se esvaindo. Suas mãos fraquejavam na tentativa de conter o sufocamento e ele sentiu que a criatura quebraria seu pescoço com facilidade. Joukthups, Nitia e Maliha reagiram, mas parecia que suas magias não salvariam Arthins a tempo. Nitia lançou alguns projéteis de pedra na cabeça do golem, que apesar de ter seu rosto coberto por um sangue pastoso, não soltava Arthins. Joukthups já havia incendiado metade das costas do golem, mas isso também não o fez soltar. Maliha havia tocado o golem após dizer algumas palavras mágicas, mas também sem sucesso. Baliak e Assiral ascendiam tochas desesperadamente, para tentar queimar a criatura. Quando Arthins se deu por vencido e não conseguia sequer erguer seus braços, ele ouviu a voz de Lariata:

__Largue ele! – com um golpe certeiro, Lariata decepou o braço do golem, usando o machado de Arthins que estava tombado no chão. O golem urrou de dor e ficou paralisado segurando o braço amputado, em seguida ajoelhou-se e ficou na altura perfeita para receber um segundo golpe de Lariata que desta vez arrancou-lhe a cabeça. Um viscoso sangue escuro jorrou do pescoço da criatura e deixou todos imundos e nauseados, com exceção de Joukthups que se escondeu de trás da janela. Arthins ainda passou alguns segundos no chão, recuperando o fôlego e quando se pôs de pé, ouviu:

__Acho que isso pertence a você. – disse Lariata entregando-lhe o machado. Arthins não agradeceu e abaixou seu rosto, envergonhado. O homenzarrão passou os minutos seguintes em silêncio raspando a garganta e sentindo a voz rouca. Tocou o pescoço e sentiu que haviam contusões doloridas causadas pelos dedos da criatura. Por muito pouco sua vida não terminou nas garras daquele golem. Enquanto Arthins se mantinha afastado, o restante do grupo o ignorou e concentrou-se no anão que haviam salvo. Ele estava acuado no canto do aposento, segurando um punhal que tomou dos zumbis e falando palavras sem sentido:

__Matar Grolib, por favor! Fazer favor!

__Não tenha medo, nós o salvamos! Somos amigos! – disse Maliha.

__Escravo de sangue! Um século! Matar Grolib! É suficiente! Fazer favor! – disse o anão encurralando-se no canto do aposento ao notar a aproximação de Maliha e dos demais.

__Um século? Como alguém pode ser tão maligno? – comentou Nitia para si mesma, mas em tom que todos puderam ouvir.

__Escute, não vamos machucá-lo. – tentou Lariata que em seguida disse uma única palavra na língua dos anões, enquanto apontava para os demais: – Amigos!

__Não chegar perto! É suficiente! É suficiente! – repetiu o anão, agora apontando o punhal para o próprio peito.

__Faça alguma coisa, Joukthups! – disse Baliak.

__Não consigo, estou cansado demais! Gastei toda a minha energia enfrentando aquele golem! – respondeu o arcano.

__Acalme-se, Grolib! Não faça isso! Veja, sou sua amiga. – disse Nitia colocando a espada no chão.

__Elfa? Você também escrava! Sempre no meio andar! Matar Grolib, por favor! Fazer favor! – disse o anão repetindo incontrolavelmente.

__Sempre no meio andar? – disse Baliak. – Ele deve saber como andar com segurança pelo labirinto.

__Não, não sou escrava. Sou sua amiga, todos somos seus amigos. – disse a elfa apontado ao grupo e arriscando um passo a frente. Quando ela o fez, o anão deu-lhe as costas e chocou-se fortemente contra a parede enquanto mantinha o punhal horizontalmente na altura do peito. Um silêncio se seguiu e o anão fraquejou, tombando para trás com as

costas no chão. O punhal estava encravado em seu peito, mas mesmo assim ele parecia aliviado e disse:

__Livre, Grolib está livre!

Baliak foi o primeiro a reagir e tentou conter o sangue que escorria do peito do anão, mas não ousou retirar o punhal. Nitia estava paralisada, chocada com o que viu. Baliak gritou:

__Rápido, Nitia! Faça alguma coisa!

__Não posso, também estou muito fadigada. – Uma enorme decepção e sentimento de impotência tomaram conta da elfa e do grupo que apenas assistiram o anão dar seu último suspiro. Apesar de ter cometido suicídio o anão tinha um discreto sorriso nos lábios e parecia feliz com sua aparente liberdade. Nitia não se conteve e deixou uma lágrima escorrer por seus olhos, pois havia se aproximado do anão e por isso se sentia ainda mais culpada. A elfa não sabia lidar com o sentimento de impotência que era a maior origem de sua constante covardia e por isso viu-se bastante afetada com a morte do anão, que lhe era desconhecido, mas que a seus olhos merecia um destino melhor. Tsuguo se aproximou dela e disse:

__Não foi culpa sua. Você fez tudo o que era possível. Para alguns a morte é a única esperança.